

Projeto de Mutirão para construção de “parquinhos”:



uma proposta de tornar a comunidade mais (cri)ativa na criação e manutenção de praças, áreas de lazer infantil e adulto.

Idéia criada durante o EREA Ribeirão Preto 1999;
deselvada e organizada por Raul Bueno.

Motivação do trabalho

Não é muito comum uma comunidade de moradores de assentamentos irregulares, como favelas ou loteamentos ilegais, organizar um mutirão para construir casas ou uma creche. Menos comum ainda, é se organizar para construir um “parquinho” para crianças, algo considerado por grande parte dos moradores (adultos) como supérfluo.

Mas é essa nossa proposta.

Acreditamos na importância de um espaço de lazer, de um “parquinho”, de qualidade para as crianças. De um espaço que possa ser criado por elas próprias através da coordenação (e não intervenção) de um arquiteto ou paisagista, financiado pelo poder público ou iniciativa privada.

Por quê um mutirão?

Quando a própria comunidade participa do projeto e da construção, essa comunidade passa a ter noções do porquê aquele espaço foi desenhado daquela maneira, e de como ele foi construído. O “senso de lugar”, ou “genis-loci” é acentuado quando os moradores fazem parte do processo de execução – a sensação de ser proprietário do espaço criado é muito maior. Além disso, o domínio da técnica com a qual o “parquinho” foi executado torna os moradores aptos a fazer qualquer tipo de reparo que o parque venha precisar.

Como atuar?

O trabalho é iniciado com um primeiro contato com a comunidade. Faz-se um reconhecimento da área: Quais lugares são usados por idosos, onde joga-se futebol, onde joga-se capoeira, e onde as crianças costumam brincar. Conversamos com os moradores, identificamos em qual área todos concordam com a instalação de um “parquinho” – É importante evitar qualquer tipo de divergência dentro da comunidade - Se há um grupo que não concorda com a implantação e não há como convencê-lo, o melhor é procurar



outro sítio. A existência de um grupo de pessoas que seja completamente contra o projeto pode levar a futuros atos de vandalismo ou represálias; isto é, vai contra a ideia de unir a comunidade, provar que em conjunto é possível mudar muito as condições e a qualidade do nosso meio-ambiente.

Decidida a área de implantação, começamos o processo de projeto. Determinamos quais ferramentas estão disponíveis dentro daquela comunidade (geralmente há sempre serralherias e lojas de materiais de construção dispostas a emprestar ferramentas), e quais podem ser doadas pelo poder público ou iniciativa privada responsável pelo projeto. É importante executar o trabalho com meios disponíveis no local, ou que passem a ser disponíveis, para criar a ideia de que o trabalho pode ser continuamente melhorado e ampliado. Sabendo quais ferramentas temos à disposição, procuramos os materiais de construção. Apenas elementos de fixação, como cordas, correntes, parafusos e cimento serão comprados novos. O material de construção em si, deve ser conseguido em ferro-velhos, ou com a prefeitura: Antigos postes de eucalipto, trocados por postes de concreto; velhos postes de aço galvanizado, usados para iluminação e para fixar placas de sinalização, inutilizados por acidentes de trânsito; dormentes de linha-férrea de madeira, escoras de formas de concreto etc. A variedade dos materiais depende de cada lugar. O importante é mostrar que é um material barato, de fácil obtenção, ou seja, que aquela comunidade pode conseguir por conta própria.

Uma vez pronto o projeto, e com o material e ferramentas em mãos, organizamos o mutirão em equipes – qualquer morador, adulto ou criança pode se inscrever – cada equipe terá uma função definida na obra, podendo até – sob supervisão – ajudar outras equipes. Antes do início da obra falamos com cada um sobre noções básicas de segurança ao manusear certas ferramentas. Crianças e menores de idade não irão manusear ferramentas como furadeiras ou serras.

Como é o projeto? Um “parquinho” normal com escorregas e balanços não é mais barato?

O objetivo principal não é a construção de um simples parquinho; é, fazer com que os moradores se unam pela construção de um espaço e criar um parque que estimule a imaginação das crianças que o usarem. Como usamos materiais reciclados, e a cada vez que executamos um projeto, materiais disponíveis variam em tipo e em quantidade, e também variam as idéias, em função do espaço que nos é apresentado. Deste modo os brinquedos nunca são iguais. É verdade que também há uma intenção nisso: a intenção de trabalhar com um conceito que passamos a chamar de “lúdico abstrato”(este conceito está explicado na página sobre teoria do sítio na internet www.oficinadebrinquedos.cjb.net).

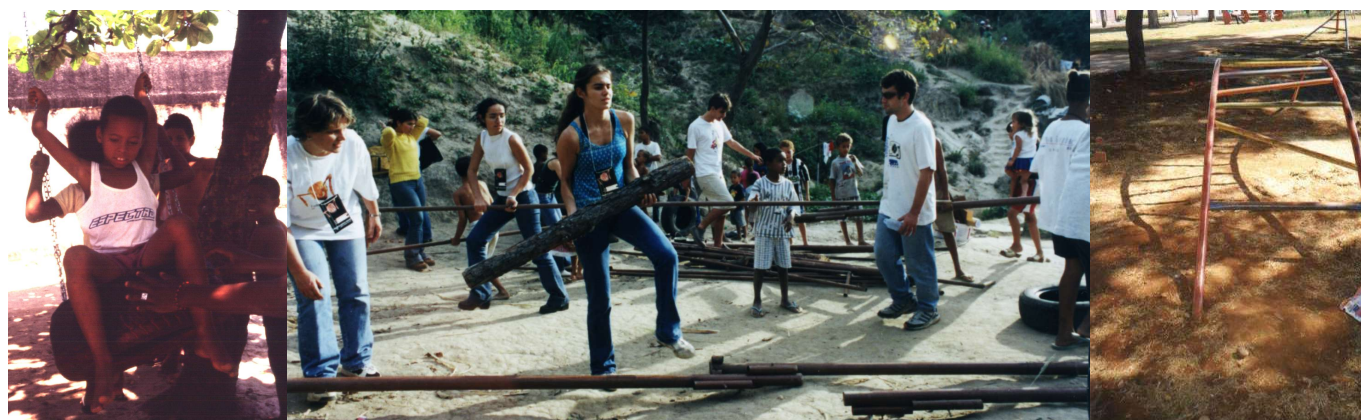
Quanto Custa?

Na verdade, como em todo projeto de arquitetura, o valor varia segundo o tamanho do projeto, e neste caso de acordo com o material que conseguirmos reaproveitar. O brinquedo construído em Belo Horizonte, por exemplo, foram gastos R\$ 110 com correntes, parafusos e cordas, mais R\$120 com os troncos de eucalipto, (que poderiam ter sido reaproveitados, mas não houve tempo para contatar a prefeitura daquela cidade) e R\$35 com a tinta e solventes, totalizando R\$265 com materiais de construção.

De onde veio a idéia?

A idéia surgiu em 1999, no Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura da “Regional São Paulo” (EREA-SP), em Ribeirão Preto. Naquela ocasião, professores da FAU do Instituto Moura Lacerda ministraram uma “oficina” semelhante a esta, baseados na experiência de profissionais como a designer Elvira de Almeida e o fotógrafo Samuel Moreira. Participamos da oficina, conversamos com os professores e passamos a ministra-la nos encontros seguintes.

Já realizamos este trabalho em Goiânia (Agosto de 99); Salvador (Outubro de 99); Santos (Maio de 2001) - onde não construímos, apenas projetamos, e Belo Horizonte (Maio 2001).



Quem coordena o trabalho?

Raul Bueno Andrade Silva:

Cursando o 8º período do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFRJ.

Foi estagiário do escritório Santa Tereza Arquitetura e Urbanismo, onde trabalhou com os arquitetos Pedro Cascardo e Paulo Saad, no projeto Favela-Bairro para o morro dos Prazeres e do Escondidinho, em Santa Tereza.

Também trabalhou como estagiário na Conurban, com arquiteto Carlos Fernando e Marcos de Pinho Ferreira no projeto Bairrinho, para a Favela Novo Palmares, em Vargem Pequena.

Participou com a fundação Bento-Rubião para o “Concurso de idéias para o Morro Santa Marta”, Já foi premiado pelo concurso de estudantes “Cafauzão, o Espaço”, em 1995, onde desenvolveu um projeto para uma nova sede do Centro Acadêmico da FAU-UFRJ, e pelo concurso internacional para profissionais (equipe dirigida pelo arquiteto Washington Fajardo) “El Modelo Europeo de Ciudad; Historia, Vigencia y proyección de futuro/contrastes en ibero-américa” em Novembro de 2000.

Já foi membro do Centro Acadêmico da FAU-UFRJ (CAFAU), gestão de 1997, e participou da organização dos 5º EREA RIO, em 1996, e do 22º ENEA RIO, em 1998, além de ter ministrado várias oficinas em outros encontros.

Atualmente está desenvolvendo seu trabalho final de graduação, que deverá ser finalizado em Junho de 2002.

Contatos: tel- 0--21 2225 3764 e-mail - raulbueno@bol.com.br
sítio na internet- www.oficinadebrinquedos.cjb.net